



SHANNON STAPLETON/REUTERS - 11/5/2024

☉ islâmica. Os israelenses, cautelosos com a solução de um Estado, salientam que nenhum país árabe próximo conseguiu manter uma ordem democrática durante muito tempo – então quais são as probabilidades de o hipotético Estado árabe-judeu ser a exceção?

Se, apesar de todas as dificuldades, um único Estado democrático que garantisse a liberdade, a igualdade e os direitos coletivos dos judeus e dos palestinos pudesse de alguma forma ser mantido entre a Jordânia e o Mediterrâneo, isso não seria incompatível com o sionismo. Durante os últimos 150 anos, o sionismo esteve disposto a acolher uma vasta gama de ideias a respeito de como garantir os direitos individuais e coletivos dos judeus, e algumas destas ideias eram ainda mais extravagantes do que a solução de um Estado único. Tanto Theodor Herzl como Ben-Gurion apoiaram um plano para a autonomia nacional judaica sob a suserania do Império Otomano, por exemplo.

É também digno de nota que, nos anos mais recentes, uma importante vertente do sionismo afrouxou a sua ligação com o judaísmo e, em vez disso, ancorou-se na identidade israelense. Este tipo de sionismo é mais bem entendido como nacionalismo israelense e não como nacionalismo judaico. Todas as nações são produto do tempo. Antes de 1948, não poderia haver nação israelense, porque os israelenses não existiam. Mas 76 anos de história são suficientes para criar uma nova nação.

Assim, o partido político israelense Meretz define-se como um partido sionista que apoia a transformação de Israel de um estado judeu em um “es-

tado do povo judeu e de todos os seus cidadãos”. O primeiro-ministro israelense, Binyamin Netanyahu, acusou os apoiadores do Meretz e outros esquerdistas de terem “esquecido o que significa ser judeu”. É revelador que Netanyahu não os tenha acusado de esquecerem o que significa ser sionista. Os sionistas do tipo do Meretz podem muito bem se sentir mais próximos de um vizinho muçulmano israelense do que de um judeu americano que nunca pôs os pés em Israel. Por outro lado, alguns sionistas podem não ser judeus. Existem, por exemplo, cidadãos drusos de Israel que se definem como sionistas apesar de não serem judeus, e existe até um Movimento Sionista Druso.

NETANYAHU. Nos anos mais recentes, porém, Israel tem sido administrado por governos que viraram as costas às formas moderadas de sionismo. Em particular, o governo de coligação estabelecido por Netanyahu em 2022 rejeitou categoricamente a solução de dois Estados e o direito palestino à autodeterminação, e em vez disso abraçou uma visão preconceituosa de um Estado único.

Tal como os manifestantes anti-Israel em todo o mundo, a coligação de Netanyahu acredita no slogan “do rio ao mar”. Nas suas próprias palavras, o princípio fundador da coligação de Netanyahu é que “o povo judeu tem um direito exclusivo e inalienável a todas as partes de Eretz Yisrael” – Eretz Yisrael é um termo hebraico que se refere a todo o território entre a Jordânia e o Mediterrâneo. A coligação de Netanyahu prevê um Estado único entre o Rio Jordão e o Mar Mediterrâneo, que concederia

direitos totais apenas aos cidadãos judeus, direitos parciais a um número limitado de cidadãos palestinos e nem cidadania nem nenhum direito a milhões de súditos palestinos oprimidos. Essa não é apenas uma visão. Em grande medida, já é a realidade local.

Nada do que aconteceu desde 7 de outubro indica que a coligação de Netanyahu tenha mudado de opinião. Pelo contrário, a carnificina e a devastação infligidas aos civis palestinos na Faixa de Gaza, o assassinato e a expropriação de palestinos na Cisjordânia e a recusa em se comprometer com qualquer plano de paz futuro indicam que o atual governo israelense tampouco respeita os direitos humanos individuais dos palestinos ou suas aspirações nacionais coletivas.

DETERMINISMO. Algumas pessoas argumentam que o extremismo da coligação de Netanyahu é o fruto inevitável do sionismo. No entanto, isso equivale a argumentar que o patriotismo conduz inevitavelmente ao extremismo, e que qualquer pessoa que começa a exibir a bandeira nacional no seu país deve acabar fomentando o ódio e a violência. Esse determinismo histórico é empiricamente infundado e politicamente perigoso, uma vez que concede aos extremistas o monopólio sobre os sentimentos nacionais das pessoas. Patriotismo não é intolerância. O patriotismo é um sentimento de amor pelos compatriotas, com base em uma ligação profunda com uma cultura nacional e as suas tradições em evolução – o que leva os cidadãos a cuidarem uns dos outros, por exemplo, pagando impostos e financiando serviços de assistência social. Em contraste, a intolerância é um sentimento de ódio pelos estrangeiros e pelas minorias, baseado na convicção de que somos superiores.

No contexto imediato de Israel, não conseguir separar o patriotismo da intolerância joga a favor de Netanyahu e implica que não há alternativa política à coligação de Netanyahu. Se o patriotismo israelense exige ódio e perseguição contra os não judeus, então os patriotas israelenses devem continuar votando em Netanyahu. O próprio Netanyahu tem defendido há anos que os patriotas israelenses devem apoiá-lo, mas os partidos sionistas da oposição ainda têm uma oportunidade de tirá-lo do poder e de conduzir Israel em uma direção mais tolerante e pacífica.

Há muita coisa em jogo aqui, não apenas para Israel, mas para os judeus de todo o mundo. Se Netanyahu e os seus aliados políticos consolidarem o seu domínio sobre Israel, isso significaria o fim do vínculo histórico entre o povo judeu e as

ideias de justiça universal, direitos humanos, democracia e humanismo. Em vez disso, o judaísmo faria um pacto com a intolerância, a discriminação e a violência. Os judeus em Londres e Nova York podem querer argumentar que não têm nada a ver com Israel e que o que acontece no Oriente Médio não representa o verdadeiro espírito do judaísmo. Mas estariam em uma situação análoga à dos comunistas britânicos e americanos do século 20, que tentaram em vão argumentar que o que Stalin estava fazendo na União Soviética não era realmente comunismo.

O principal problema para os judeus não sionistas é que, ao contrário do budismo ou do protestantismo, o judaísmo é uma religião coletivista e não individualista, e a construção do Estado de Israel tem sido o empreendimento coletivo mais importante do povo judeu moderno. Se Israel for conquistado pela intolerância, esta se tornará a face do judaísmo em todo o mundo.

TITO. A vitória da coligação de Netanyahu e da sua visão de mundo preconceituosa teria consequências não apenas no espaço, mas também no tempo. Para começar, alteraria retrospectivamente o significado de toda a história do Estado de Israel. Herzl, o pai fundador do sionismo moderno, identificou a intolerância como um perigo existencial para o sionismo já há mais de um século. No seu livro de 1902, *A Velha Nova*

Problema O Estado de Israel tem sido o empreendimento coletivo mais importante do povo judeu moderno

Terra, no qual Herzl imaginou o futuro Estado de Israel, ele profetizou a ascensão de um partido imaginário, liderado pelo rabino Geyer, que afirma que os judeus são superiores aos não judeus e merecem privilégios especiais. O livro de Herzl alertou os leitores que Geyer é “um blasfemador”, desviando-se dos valores judaicos.

Herzl criticou severamente a ideia de que os judeus são superiores aos outros humanos e merecem privilégios especiais no futuro Estado. O Estado que ele imaginou deveria servir como um lar nacional para o povo judeu, mas dar direitos iguais a todos os seus habitantes. Herzl escreveu: “Não perguntamos a que raça ou religião um homem pertence. Se ele for homem, isso é o suficiente para nós.” Herzl temia que, se os judeus fossem tentados pelas ideias de Geyer, isso destruiria o seu Estado.

Se a visão preconceituosa de Netanyahu derrotar o ethos

sionista de Herzl, isso alteraria o significado não só do moderno Estado de Israel, mas também de milhares de anos de história judaica anterior. Há dois milênios, fanáticos religiosos infligiram uma terrível catástrofe ao povo judeu. Por fanatismo religioso, rebelaram-se contra o Império Romano. As legiões de Vespasiano e de seu filho, Tito, derrotaram os fanáticos judeus, conquistaram uma cidade após a outra e, finalmente, cercaram Jerusalém em um anel de aço. O moderado rabino Yohanan Ben Zakkai decidiu escapar da cidade sitiada. Para escapar dos fanáticos judeus, que o teriam matado na hora, ele se escondeu dentro de um caixão. Segundo a tradição judaica, após sair da cidade, Ben Zakkai profetizou que Vespasiano se tornaria imperador de Roma. O general ficou muito feliz com a previsão e concordou em atender a qualquer pedido feito por Ben Zakkai. O rabino pediu a Vespasiano que poupasse da destruição a pequena cidade de Yavneh e permitisse que Ben Zakkai estabelecesse ali um centro de ensino judaico. O general romano concordou.

Vespasiano de fato se tornou imperador e deixou a Judeia para assumir o poder em Roma. Seu filho Tito foi deixado para trás para sitiar Jerusalém, que ele conquistou e incendiou. Ben Zakkai foi para Yavneh, e ele e todo o povo judeu embarcaram em uma viagem histórica única, uma viagem de aprendizagem. O judaísmo renunciou ao templo queimado, aos rituais sangüinários do templo e aos fanáticos que acenderam a chama da rebelião e, em vez disso, tornou-se uma religião de aprendizagem. Os judeus viviam em Yavneh e aprendiam. Eles se estabeleceram no Cairo e em Bagdá e aprenderam. Eles se estabeleceram em Vilna e no Brooklyn e aprenderam.

Após 2 mil anos, judeus de todo o mundo retornaram a Jerusalém, aparentemente para colocar em prática o que haviam aprendido. Que grande verdade, então, os judeus descobriram em 2 mil anos de estudo? Bem, a julgar pelas palavras e ações de Netanyahu e seus aliados, os judeus descobriram o que Vespasiano, Tito e seus legionários sabiam desde o início: descobriram a sede de poder, a alegria de se sentirem superiores e o prazer sombrio de esmagar os mais fracos. Se foi realmente isso que os judeus descobriram, então, que desperdício desses 2 mil anos! Em vez de pedir por Yavneh, Ben Zakkai deveria ter pedido a Vespasiano e Tito que lhe ensinassem o que os romanos já sabiam.

Se os judeus aprenderem nos últimos 2 mil anos alguma coisa que Tito não sabia, agora é a hora de mostrá-lo. ● TRADUÇÃO

DE AUGUSTO CALL